

Foi num mês de maio — o do ano de 1820 — que nasceu na cidade de Florença, Itália, mas de pais britânicos, o que lhe garantiu a nacionalidade inglesa, Florence Nightingale, cognominada pelos soldados a que assistia na Guerra da Crimeia, "A Dama da Lanterna". Depois mundialmente reconhecida como a padrinha, a padrinha da enfermagem.

Foi num mês de maio — o do ano de 1880 — que morreu na cidade do Rio de Janeiro, Ana Nery, nascida na então Vila da Cachoeira do Paraguaçu, em 1814, cognominada pelos soldados a que assistia, na Guerra do Paraguai, "A Mãe dos Brasileiros", e que a Cruz Vermelha Internacional definiu com as palavras: "Colocada em seu verdadeiro quadro, a silhueta de Ana Nery se distingue entre os seus precursores que teve a Cruz Vermelha por sua grandeza e glória e simbólica".

UMA PRECURSORA MAIS ANTIGA

Em matéria de pioneirismo, contudo, a Bahia tem privilégio mais antigo, porque dois séculos antes que Florence Nightingale e Ana Nery dessem tão admiráveis exemplos de amor ao próximo, já havia nesta cidade do Salvador uma mulher chamada D. Francisca de Sande, que se alçou às alturas que só as grandes heroínas podem atingir.

Foi no ano de 1686 que deu início sobre a cidade da Bahia a epidemia da "epidemia da bi-ebre amarela". Sebastião da Rocha Pita, em sua História da América Portuguesa escreve "que se contavam mortos por dias em que caíam doentes e não escapavam dois". Estavam cheias, as casas, de moribundos, as igrejas de cadáveres, as ruas de tumbas". E o historiador baiano Waldemar Mattos, de quem se citamos transcrevendo essas citações, acrescenta: "Nesta quadra, surgiu ao lado do governador Marquês das Minas a respeitável e heroica figura de D. Francisca de Sande, que, a sua custa e com singular benevolência, tratou de muitos enfermos, fazendo de sua casa um hospital".

Nesta casa — um nobre solar, quando na atual Avenida Sete, e agora com o Beco de Maria Paz — eram recolhidos "os doentes que não cabiam no (hospital) da misericórdia e recolhendo outros voluntariamente escolhiam o seu onde lhes ministravam, pela qual, medicinais receitadas pelos médicos a quem pagava, e todos os medicamentos, dispensando considerável soma de galinhas, roupas, camisas, roupas, e tudo o que podia ser preciso para a cura, cômodo e asseio dos enfermos dos quais a maior parte escapava por força do seu cuidado e da sua caridade; virtudes que mereceram o agradecimento e o reconhecimento de D. Pedro de Almeida em honrosa carta de louvor servido mandar-lhes escrever". (Sebastião da Rocha Pita obra citada).

"Os gastos com a epidemia, que a virtuosa senhora — abalada e consideravelmente enriquecida pela família, constituída de bens herdados dos seus pais e deixados por seu marido, senhor de bela fortuna". E a verdade é que a Bahia ainda não resgatou devidamente a dívida que tem com D. Francisca de Sande.

A FORÇA DA FÉ

"O que moveu a veneranda senhora, baiana do século XVII, a correr, arriscando vida e bens, a viragem da "bicha", foi o sentimento de piedade cristã, não era possível assistir impassível ao sofrimento de centenas de pessoas. Confundiu-os a todos, os ricos e pobres, nobres e plebeus, e deu-lhes amor de salvação."

O que moveu e moveu a jovem inglesa do século XVIII, inicialmente, uma espécie de fé mística; assim como se vê em uma réplica britânica de D. Arc, ele se considerou capaz de cumprir um "chamado divino"; foi esta crença que lhe deu a força para suportar a feroz pressão da família e reconceitos sociais, abandonando riqueza e conforto, desistindo de realizar-se matematicamente, a fim de dedicar-se, por inteiro, ao cumprimento da missão para a qual havia sido chamada.

Tracando um paralelo entre Florence Nightingale e Ana Nery, contemporâneas e engrandecidas ambas, pelas nobres tarefas que executaram, Marques Rebelo afirma com muita propriedade: "Florence, que nunca foi religiosa e dedicou-se aos seus filhos espirituais, tinha menos fé e raciocínio mais seus

atos, usando de influência junto aos poderosos e políctando o sentimento próprio e o dos enfermeiros, sem deixar contudo, de ser uma divindade para seus enfermos. Um soldado britânico, hospitalizado em Scutari, disse dela, um dia em que um capelão fez fazer uma igreja com o dinheiro enviado a Florence para a compra de roupas e medicamentos:

— Esse hospital é a nossa igreja e a senhorita Nightingale é o nosso anjo da guarda.

E Marques Rebelo comenta: "Florence era um anjo, sim, mas de espada erguida e flamejante. Ana Nery era puro anjo, puro amor, puro afeto, que lutava apenas com o coração e esforço próprio e individual. Sua figura magnífica trouxe a contribuição impar de seu exemplo de coragem e dignidade feminina, mas não pôde ela promover as reformas sociais".

A FORÇA DO AMOR

Ana Nery, nascida Ana Justina Ferreira, na Vila da Cachoeira do Paraguaçu, até os 50 anos de idade vivera uma existência que não se diferenciava de todas as mulheres de sua época e de sua condição social, Casamente com o capitão-de-fregata Isidoro Antônio Nery, que faleceu a bordo do brigue "Três de Maio", no Maranhão, e do qual teve três filhos: Isidoro Antônio, Antônio Pedro e Justino.

Até o ano de 1865, Ana Nery foi esposa e mãe, voltada exclusivamente para seus deveres domésticos, cumpridos com a dedicação e a austeridade que eram as virtudes comuns às senhoras da época. Mas, naquele ano, o Brasil, que já se havia envolvido em outros conflitos com os vizinhos do Sul, foi levado a envolver-se na maior das guerras até hoje travadas no continente sul-americano.

Descendente de militares, a venerável cachoeirana não poderia ter outra atitude diante do chamamento que a Pátria fazia aos seus filhos: teria não apenas que aceitar mas, também, que estimular a sua decisão de oferecerem-se, voluntariamente, para servir no Exército brasileiro. E viu partir, para os charcos do Sul, os irmãos Manoel Jerônimo Ferreira e Joaquim Maurício Ferreira, e os filhos Isidoro Antônio e Antônio Pedro. Restava-lhe apenas o capela, Justino, sextanista de Medicina. Também ele seguiu, com aprovação materna, para o campo de batalha.

NASCE A HEROÍNA

O civismo e o amor materno tornaram impossível para Ana Nery a solidão a que a guerra a condenara, a distância em que ficaria do teatro daqueles acontecimentos onde se decidiam, ao mesmo tempo, a sorte das armas brasileiras e a vida dos filhos. E ela resolveu, para estar junto dos filhos e, ao mesmo tempo, ajudar no esforço de guerra, seguir para o Sul.

Mas, como poderia realizar esse intento se, diante dela, barreiras aparentemente intransponíveis se levantavam? Ana Nery resolveu atacar de frente o problema, e escreveu a seguinte carta ao presidente da Província, Manuel Pinto de Sousa Dantas: "Ilmo e Exmº Sr.

Tendo já marchado para o Exército dois de meus filhos, além de um irmão e outros parentes, e havendo-se oferecido o que me restava nesta cidade, aliado do 6º ano de Medicina, para também seguir a sorte de meus irmãos e parentes na defesa do país, oferecendo seus serviços médicos onde se decidia, não podendo resistir à separação dos objetos que me são caros e por tão longa distância, desejava acompanhá-los por toda parte, mesmo no teatro da guerra, se isto me fosse permitido mas, opor-se a esse meu desejo, a minha posição e o meu sexo não impedem, todavia, estes motivos, que eu ofereça meus serviços, em qualquer dos hospitais do Rio Grande do Sul, onde se façam precisos, com o que satisfarei, ao mesmo tempo, aos impulsos de meu amor e do meu dever, e dedicarei para com aqueles que ora sacrificam suas vidas para honra e brío nacionais e integridade do império.

ANA NERY

A MÃE DOS BRASILEIROS

Texto de Adroaldo Ribeiro Costa



Retrato de Ana Nery, por Presciliano Silva. Está, em grandes dimensões, existente no Instituto Histórico da Bahia.

Digne-se V. Excia. de acolher, benigno, este meu espontâneo oferecimento, ditado tão somente pela voz do coração. Deus guarde a V. Excia. Bahia, 8-8-1865.

Ana Justina Ferreira Nery".

"Tal documento — como acentua Edith Mendes da Gama e Abreu — não revela uma mulher de letras mas vale por um preciso índice psicológico, a conduzir-nos ao julgamento da sua sensibilidade de mãe e inclinação de altruísta". E o mesmo julgo deve ter feito o presidente da Província, que a 13 do mesmo mês e ano (cinco dias depois do recebimento da carta, portanto) enviou a Ana Nery a seguinte resposta:

"O rasgo de patriotismo e de abnegação de V.M. depois de ter visto seguir para o campo de guerra, em que se acha empenhado o país, um irmão e dois filhos e, agora, o terceiro como médico, se oferece para acompanhá-los em tão nobre missão, prestar os serviços de humanidade compatíveis com seu sexo e idade, nos hospitais do Rio Grande do Sul, não pode deixar de ser benevolamente acolhido por esta presidência, que folga de louvar os sentimentos com que V.M., por este ato tão importante e digno de inveja, se torna recomendável ao país.

Acolto, pois, tal espontâneo oferecimento e vão ser expedidas ordens ao conselheiro Comandante das Armas com quem se entenderá V.M. para ser contratada como 1ª enfermeira, e brevemente, seguir para o Rio de Janeiro".

Não é, também, a resposta nenhum primor de estilística, mas nela o principal está dito e revela a sensibilidade do presidente da Província, a sua até

certo ponto surpreendente aquiescência ao pedido de ilustre conterrânea. Em suma: a resposta foi o passaporte concedido a Ana Nery para penetrar na História.

O HEROÍSMO

A partir do momento em que Ana Nery se viu diante da realidade da guerra, seus horizontes, em vez de contrair-se com os horrores presenciados e antes

mal imaginados, alargaram-se, por força da consciência, logo adquirida, de que muito mais ampla e profunda era a missão a que se propusera.

Assim, em vez de limitar a sua ação aos "hospitais do Rio Grande do Sul", como sugeria na sua carta-pedido, estendeu-a a Curupaiti, Humaitá, Aquidabã, Corrientes, a Assunção, onde fundou "no próprio lar, às próprias custas, com a ajuda de seu

filho médico, um corpo de saúde e uma enfermaria".

A essa expansão geográfica correspondeu uma amplitude ainda maior a que ela, inicialmente, considerara "impulsos de mãe e deveres de humanidade". Estende a todos, até mesmo ao inimigo que já lhe roubara um dos filhos, o seu humanitarismo, o seu amor e a sua caridade, como foi dito na famosa carta que um soldado ondegrou aos seus familiares:

"Quando a bala inimiga vinha ferir aqueles que lutavam à sombra do pavilhão nacional, aí deles se não encontrassem, longe da Pátria, o amor nos braços daquela mãe terna e carinhosa. E não era somente o soldado brasileiro! Para ela a dor não tinha pátria, o sofrimento não tinha milícia, a caridade não tinha cor racial. Amigos ou aliados, inimigos ou indiferentes, todos eram para Ana Nery, que reunia em si todas as virtudes, irmãos infelizes que reclamavam desvelos, que ela, mãe solitária, não se cansava de distribuir com esse carinho que impunha estima e admirado a quantos dela se aproximavam."

MÃE DOS BRASILEIROS

Esse foi o título que lhe conferiu o Exército Brasileiro, oficializando o que já era um consenso geral, ao término da Guerra do Paraguai.

De volta ao Brasil, Ana Nery foi recebida com as maiores homenagens. Agraciou-a D. Pedro II com medalhas de campanha e uma pensão; em sua passagem pelo Rio de Janeiro recebeu, de nobres senhoras, manifestações de carinho e reconhecimento.

Engalanou-se a Bahia para recebê-la. Em Salvador houve festas ruidosas, seu retrato, em tamanho natural, foi pintado por Victor Meireles, e, depois, por Presciliano Silva, e não faltaram os postais ansiosos por exaltá-la, como Castro Rebelo, nestes versos:

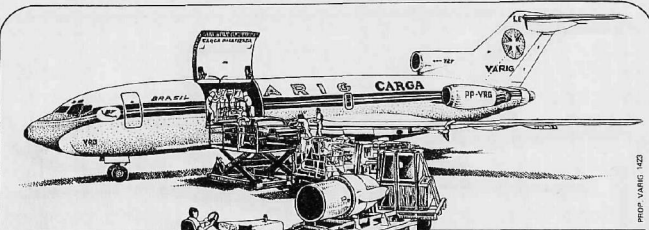
É grande o século que te fez
O vivo fulgor dos séculos
Te erguendo uma estatua, Nery.
Entre colunas de heróis!
É nobre o manto dourado
Que o povo despoje enleado
Para estendê-la a teus pés.
E a nação que hoje alelanta
Ante as aras sacrossantas
Onde brilham teus laurais!

Também em Cachoeira, a Heróica, recebeu Ana Nery, em ruidosas festividades, o reconhecimento pelos seus feitos, o julgamento dos contemporâneos sobre a obra que realizou. Plantou amor. E amor colheu.

No Cemitério de S. Francisco Xavier, no Rio de Janeiro, ela passou a repousar, dez anos após a sua volta triunfal. Os episódios de que participara iriam precipitar os acontecimentos na década de 80 do século passado, provocando profundas transformações no país. Deles, Ana Nery não seria testemunha. A 20 de maio de 1880, falecia, na segunda capital do país e, sobre sua lousa, foi gravado o seguinte epitáfio:

"Aqui descansam os restos mortais de D. Ana Nery, denominada "Mãe dos Brasileiros", pelo Exército da campanha do Paraguai."

Na singeleza dessa inscrição, o melhor testemunho da gratidão do povo brasileiro e a melhor esperança de que jamais desvança a crença nos valores morais de que Ana Nery foi uma das expressões mais altas.



Sua carga transportada a jato economicamente

Remeta sua ENCOMENDA ou CARGA, seja qual for o TAMANHO ou PESO, pela

VARIG  **CRUZEIRO**

SALVADOR
LOJA DE CARGA Rua do Pilar, 38
Tel.: 242-1237 • 242-4959 • 243-1344 • 243-7811

LOJA DE PASSAGENS E CARGA
Av. Estados Unidos, 2, Edif. D. João VI - Loja C
Tel.: 242-2924 • 242-3010 • 243-1344 • 243-7811

TERMINAL DE CARGA AEROPORTO
Tel.: 991-1015 • 991-1016 • 991-1411 • 1414 R. 192

GERÊNCIA DE VENDAS
Rua Miguel Calmon, 19 - Sobrela
Tel.: 243-3880 • 243-1344 • 243-7811

Jatos exclusivos para cargas. Diariamente. Carga aérea para o Sul e para o Norte. Carga aérea também de 1ª classe para qualquer parte do mundo. Não importa o tamanho ou o peso, sua encomenda ou carga segue em modernos jatos equipados com "pallets" independentes, manipulados por pessoal especialmente treinado para tratar sua carga como ela merece. É um serviço paleteizado da Pioneira.